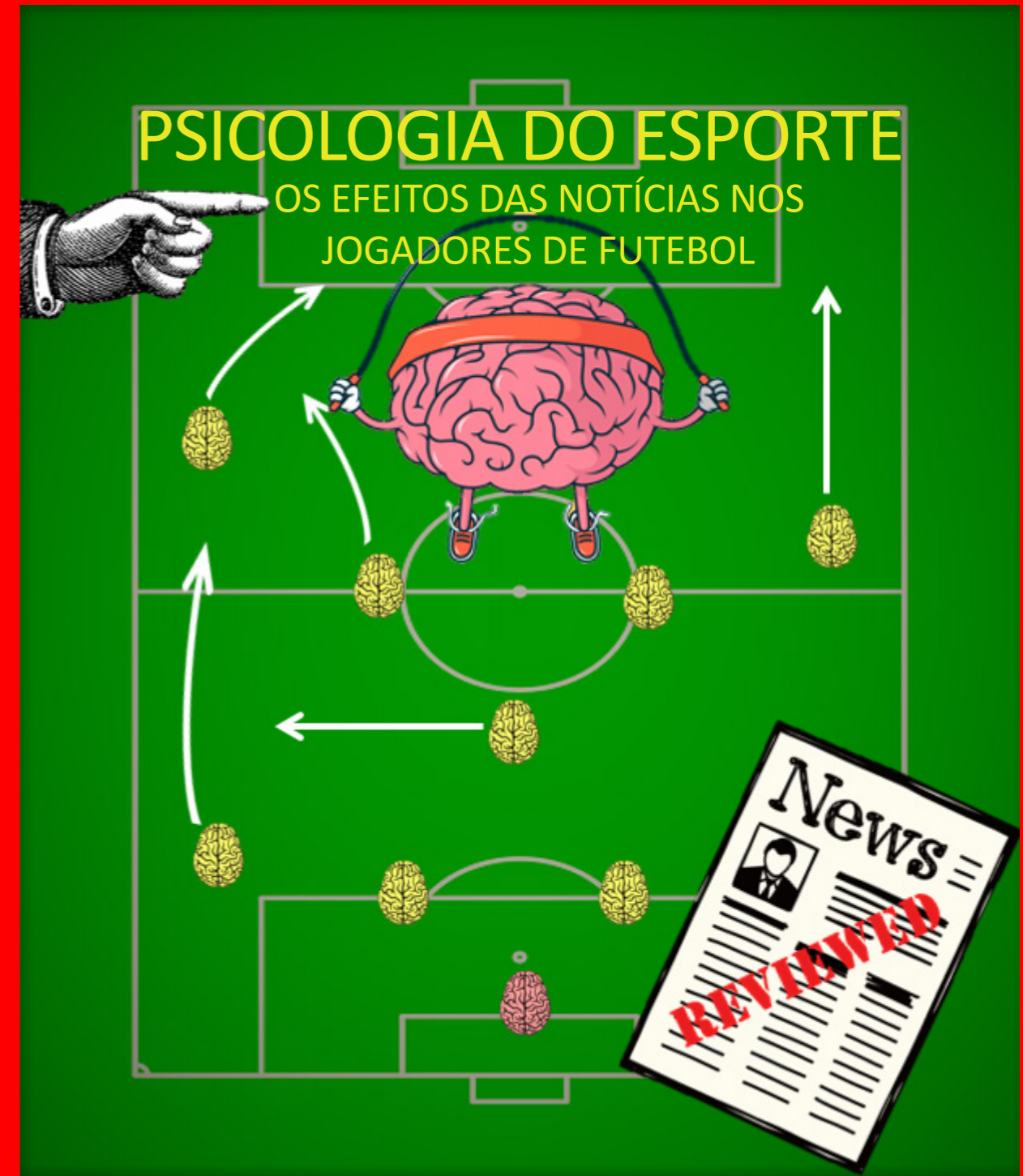




DÔSSIE SUPER INTERESSANTE



Mídia e futebol uma
relação de amor e
ódio **p.3**

O psicológico como
fator de rendimento **p.4**

A pressão exercida
pela mídia nos atletas **p.11**

SUMÁRIO

- 4 MÍDIA E FUTEBOL
UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO
- 5 O PSICOLÓGICO COMO
FATOR DE RENDIMENTO
- 5 APLICANDO A PSICOLOGIA
NO ESPORTE
- 7 A DIFICULDADE DO
PSICÓLOGO ESPORTIVO
EM SER ATUANTE
- 12 A PRESSÃO EXERCIDA
PELA MÍDIA NOS ATLETAS
- 15 O ESTRESSE PSÍQUICO
EM ÁRBITROS DE FUTEBOL
- 17 CONSTRUINDO UM HERÓI
- 19 AFINAL, A MÍDIA
INFLUENCIA NO PSICOLÓGICO
DOS JOGADORES?

MÍDIA E FUTEBOL

UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO

Por Marcos Presotti

No dia 10 de Fevereiro de 2017, o jornalista Jorge Nicola, que participa do programa Bate Bola na emissora ESPN Brasil, afirmou, durante um debate com seus colegas de programa, que o Corinthians era a quarta-força do futebol paulista daquele ano, ou seja, que tinha o pior elenco se comparado com Palmeiras, Santos e São Paulo. Essa afirmação obteve uma grande repercussão na mídia esportiva, chegando aos ouvidos dos jogadores, do então técnico Fábio Carille e do presidente Mario Gobbi. O clube não se manifestou de imediato, as rodadas do campeonato foram passando, e o time conquistou grandes resultados, chegando a 81% de aproveitamento. Nicola, então, disse novamente, no dia 06 de março de 2017, que o Corinthians continuava a ser a quarta-força mesmo após um bom início de campeonato, com vitórias contra os principais rivais, que o próprio jornalista afirmou terem melhores elencos, e que levaram o time à melhor campanha do torneio. O clube sagrou-se campeão do Campeonato Paulista 2017. E, enfim, jogadores, técnico e presidente comentaram as declarações sobre ser a quarta-força.

Para Guilherme Arana, ex-lateral esquerdo do Corinthians, essa história não afetou em nada: "A gente deixa essas coisas que estão falando lá fora, já que somos a quarta-força, deixem falar, o importante é a gente dar conta do recado dentro de campo". Quando questionado sobre o tema, se usava os comentários negativos para motivar os jogadores, o ex-técnico Fábio Carille afirmou: "Não usei em momento algum esta questão da quarta-força, procurei isolar o elenco". Já o ex-presidente Mario Gobbi, disse que essa análise não incentivou os jogadores e ainda criticou a imprensa: "Acho que é uma opinião de vocês, não é a primeira vez que erram fazendo esse tipo de análise, ultimamente vocês estão errando bastante", completou. Através desse exemplo, esta matéria apresentará dados e entrevistas, com o objetivo de fazer os leitores refletirem se de fato as notícias que a mídia produz são capazes de afetar ou não o psicológico de jogadores - profissionais e amadores -, tanto positivamente quanto negativamente.



Corinthians campeão paulista 2017

O PSICOLÓGICO COMO FATOR DE RENDIMENTO

O futebol é um esporte institucionalizado e caracterizado pela competitividade e pela busca de alto rendimento. Como os atletas estão a todo momento imersos nesse ambiente, é esperado que fiquem tensos frente a essa situação de alta exposição dentro e fora dos gramados.

Sob condições de estresse, é normal que alguns mecanismos psicofisiológicos sejam ativados. Esse processo, conhecido também como mecanismos psicofisiológicos de luta ou fuga, desencadeia uma série de respostas fisiológicas como: aumento de frequência cardíaca e respiratória, dilatação das pupilas, entre outros. Você já deve ter experimentado algum deles quando esteve muito ansioso para uma prova ou entrevista de emprego, por exemplo. Essa reação fisiológica ocorre na presença de algo que é aterrorizante ou ameaçador e prepara o corpo para lutar ou fugir de uma ameaça. Embora seja uma reação comum, normal e adequada do corpo, geralmente ultrapassa os limites desejáveis para a situação de competição de muitos atletas, sendo muitas vezes prejudicial para o rendimento individual e do grupo.

Você, com certeza, já ouviu ou repetiu o discurso de que um atleta possuía “psicológico forte” quando este teve um bom desempenho em uma situação de alta pressão, como partidas

decisivas em grandes campeonatos. Já se perguntou se, assim como as técnicas de jogo, o controle psicológico também pode ser adquirido a partir de um treinamento?

Nesse contexto, a psicologia do esporte surge como uma ciência do treinamento esportivo e busca dar respaldo psicológico aos atletas. A partir das emoções vivenciadas pelos jogadores em sua rotina de trabalho, o psicólogo responsável pela saúde psíquica de um time trabalha para alcançar a otimização da performance do atleta e da equipe.

“O psicólogo esportivo foi o último profissional integrante da comissão técnica”

Segundo William Falcão, doutor em Psicologia do Esporte pela Universidade McGill no Canadá, podemos considerar o psicólogo esportivo como um técnico mental. Assim como o preparador físico trabalha os músculos e o sistema cardiorrespiratório do atleta e o técnico esportivo, a parte tática do esporte, o psicólogo esportivo promove a preparação e treinamento dos aspectos psicológicos e emocionais do atleta. O psicólogo esportivo foi o último profissional integrante da comissão técnica interdisciplinar a ser reconhecido pelos clubes e até hoje ainda sofre com o preconceito e a desinformação. Quando este consegue espaço para sua atuação, deve, por norma, respeitar algumas etapas de implantação de seu programa de Psicologia Esportiva, como veremos a seguir.



Foto de arquivo pessoal

William Falcão

APLICANDO A PSICOLOGIA NO ESPORTE

A primeira medida tomada pelo psicólogo esportivo, antes de implementar o programa, é informar todos os componentes do grupo, explicando como funciona um programa de psicologia esportiva. É nesse momento que o profissional trabalha para romper as barreiras construídas pelo estigma imposto à sua atuação. João Ricardo Cozac, doutor em Psicologia do Esporte pela USP e presidente da Associação Paulista da Psicologia do Esporte (APPE), afirma que os cuidados com a linguagem utilizada são muito importantes para que a apresentação do trabalho atinja o público (jogadores e dirigentes) de forma clara e efetiva. Durante essa mesma etapa, o psicólogo dedica-se ao recolhimento de uma série de informações básicas sobre o funcionamento da instituição e também do grupo esportivo com o qual trabalhará.

Segundo Cozac, nesse estágio, é importante que seja feito o mapeamento dos atletas, treinadores e comissão técnica bem como o mapeamento socioinstitucional do time e da instituição para que as expectativas e necessidades do grupo sejam especificados para a correta intervenção. Para isso o profissional acompanha jogos e treinos ao lado da comissão técnica. “Com base na ideia da multi-interdisciplinaridade, o psicólogo atua como mais um profissional da comissão técnica”, afirma Cozac.

Em qualquer área da atividade humana, torna-se requisito obrigatório uma avaliação prévia que deve focar o indivíduo e o grupo. Nos esportes individuais a regra ainda se aplica, pois o atleta encontra-se inserido em um grupo com outros atletas e, portanto, deve-se verificar sua dinâmica. Para isso, são aplicados procedimentos como testes, entrevistas e, às vezes, sugere-se também que sejam realizadas observações de conduta. Segundo Benno Becker Jr., presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, as entrevistas

podem confirmar ou não, aspectos detectados nos testes padrões de avaliação psicológica aplicados com o objetivo de especificar e definir o pré-programa de psicologia esportiva que será utilizado.

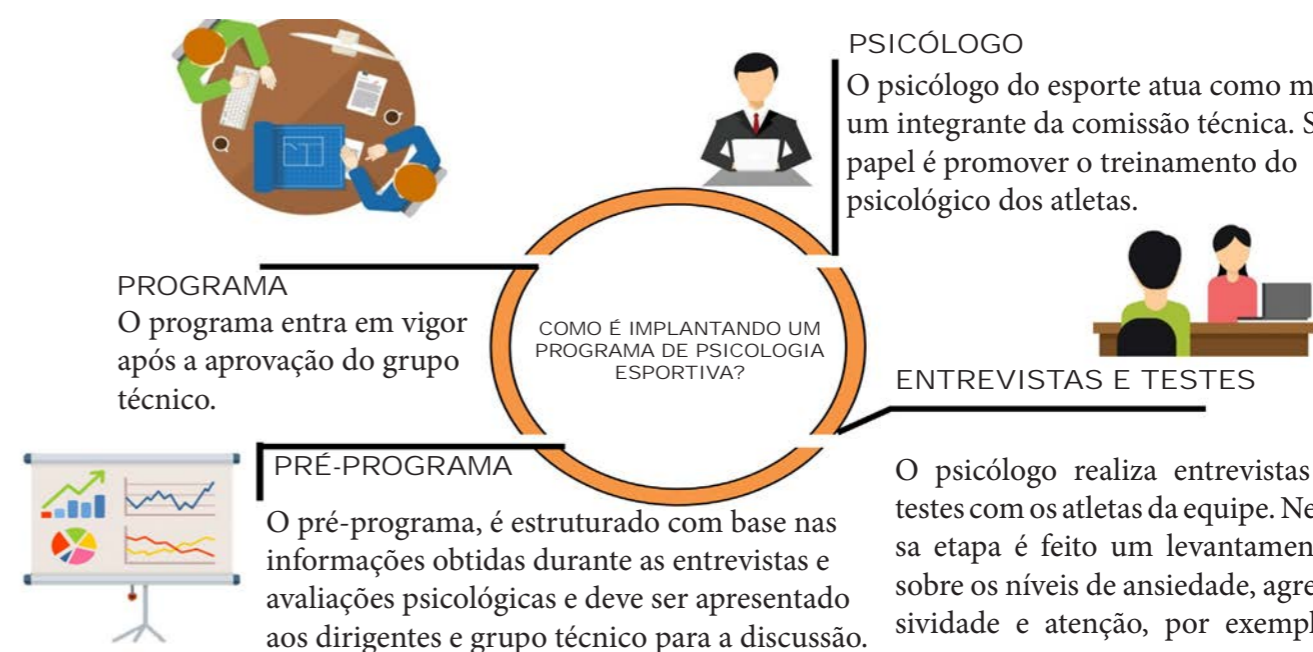
“Os resultados da intervenção do psicólogo do esporte muitas vezes não são reconhecidos”

Algumas características, como nível de ansiedade, estado emocional em treinamentos e competições, agressividade extra e intrapunitiva, atenção (concentrada ou difusa), depressão, motivação e outros fatores, podem ser avaliadas e identificadas. Somente após esta primeira investigação, o psicólogo esportivo estará capacitado para intervir no grupo, usando técnicas e estratégias desenvolvidas em trabalhos e estudos científicos.

Uma vez que as expectativas e

especificidades são identificadas, o psicólogo deve apresentar ao grupo uma prévia da sua proposta de atuação (pré-programa), com estratégia e objetivos claros, explica William. Ainda segundo ele, é importante que os objetivos apresentados no plano de trabalho do profissional sejam mensuráveis, uma vez que os resultados da intervenção do psicólogo do esporte muitas vezes não são reconhecidos devido à falta de compreensão do impacto de sua atuação. “São mudanças pequenas que têm um impacto grande e, às vezes, eles não fazem a conexão entre o trabalho do psicólogo do esporte e essas mudanças”. Além disso, após a implementação do programa e plano de atuação, é importante que se mantenha o acompanhamento dos progressos dos jogadores e do time.

Os testes psicotécnicos utilizados possuem grande importância e influência na aprovação ou reprovação de jogadores candidatos a competirem por um clube nas grandes competições e, por isso, devem ser aplicados com responsabilidade pelo profissional.



Arte por Marcos Presotti

Um trabalho tido como pioneiro no campo da psicologia aplicada ao esporte no país foi a atuação de João Carvalhaes com a seleção brasileira de futebol, que ficou amplamente reconhecido por seus equívocos e falhas individuais, os quais não só comprometeram sua atuação profissional, mas também colocaram em risco a conquista do campeonato mundial pela seleção brasileira em 1958.

“A psicologia compreende duas formas de personalidade: a personalidade-traço, que é imutável, e a personalidade-estado, que apresenta maiores variações”

Na época, Paulo Machado de Carvalho, chefe de delegação que foi à copa, contratou o psicólogo, pois queria evitar falhas individuais anteriores, como as do Maracanã, em 1950, em que a seleção foi derrotada por 2 a 1 pelo Uruguai, perdendo o título mundial naquele ano. O equívoco histórico de Carvalhaes foi sugerir que Garrincha e Pelé fossem barrados da competição, felizmente a sugestão não foi considerada o que provavelmente garantiu a conquista do título mundial na Suécia, uma vez que Pelé e Garrincha foram os dois principais jogadores daquele torneio.

Diante de episódios como esse, já podemos imaginar que a psicologia esportiva enfrente diversos preconceitos e receios, os quais são muito presentes nos clubes brasileiros, em relação a sua efetividade e contri-

buição. O exame médico, por exemplo, é exigido por todo clube e busca identificar se o jogador não possui algum tipo de enfermidade ou lesão encoberta. Em certos casos, falta a aplicação de um exame psicológico para complementar o diagnóstico inicial do jogador novato. Mesmo que o atleta já tenha recebido respaldo psicológico em um clube anterior no qual trabalhou, sua conduta dentro de uma nova equipe não será, necessariamente, a mesma apresentada na equipe anterior, uma vez que o ambiente e os companheiros de equipe são outros.

O acadêmico e psicólogo William explica que a psicologia compreende duas formas de personalidade: a personalidade-traço, que é imutável, e a personalidade-estado, que apresenta maiores variações. A perícia realizada durante o processo de implantação do programa de psicologia em uma dada instituição permite a identificação dos chamados aspectos de personalidade estado. A partir disso, o profissional busca alinhá-los ao que é apresentado pela literatura como eficiente para a performance de alto rendimento. “Muitos estudos investigam as personalidades e estratégias que atletas de alto nível utilizam para lidar com estresse e pressão, então o que a gente tenta fazer é implementar esses aspectos e ensinar os atletas a usarem essas estratégias pra aprender a lidar com isso”, explica. Assim, o trabalho realizado permite que os atletas pratiquem as estratégias estabelecidas para que lidem melhor com as pressões, exigências e desafios envolvidos na carreira de um atleta de alto nível.

A DIFICULDADE DO PSICÓLOGO ESPORTIVO EM SER ATUANTE

Não há dúvidas quanto a alta competitividade e pressão presentes na área esportiva e seu impacto negativo no psicológico e desempenho dos atletas, muito menos quanto a necessidade de assistência psicológica a esses esportistas.

Diante disso, espera-se que o trabalho do psicólogo esportivo é bem difundido e que esse profissional encontra-se amplamente incluso nas diferentes Comissões Técnicas, certo? Errado. Dados de abril de 2018, apresentados pelo Esporte Interativo, revelam que 14 dos 20 times que disputam a série A do Brasileirão não possuem psicólogo na equipe profissional. Para William, “Existe um estigma e falta de conhecimento sobre o trabalho do psicólogo do esporte por parte dos dirigentes e técnicos e até mesmo dos jogadores.” Afirma também que o estigma existente em relação ao trabalho do psicólogo faz com que muitas vezes a necessidade de auxílio psicológico seja considerada um sinal de fraqueza. A psicologia do esporte pode ser aplicada aos atletas de diversas modalidades esportiva, mas, segundo Cozac, apesar do respaldo psicológico ser a base da preparação esportiva adequada, é no futebol em que se encontra maior resistência, falta de conhecimento e desvalorização dessa ciência.

ATUAÇÃO DOS PSICÓLOGOS NO FUTEBOL BRASILEIRO

E QUANDO NÃO HÁ PSICÓLOGO?

A contratação de coachings esportivos tem crescido no futebol brasileiro como alternativa à implantação de um programa de psicologia esportiva.



COMO É FORA DO BRASIL?

No modelo europeu de futebol a presença de psicólogos na equipe é um padrão, times como Barcelona, Atlético Madrid, Chelsea, Liverpool, Manchester City, Bayern de Munique e outros, possuem o profissional na equipe.



Divulgação

Pedrinho

Gabriel Farias, 18 anos e jogador amador das categorias de base do Guarani confirma que inicialmente há um certo preconceito, mas que, conforme o grupo adquire experiência e contato com os métodos de intervenção do trabalho psicológico, a perícia desses profissionais torna-se muito importante dentro de campo.

Já Pedrinho, 20 anos e jogador profissional do Sport Club Corinthians Paulista, afirma que recebeu apoio psicológico enquanto estava nas categorias de base, o que lhe ajudou muito, e defende que os jogadores não têm preconceito algum com psicólogos. “Não, não temos preconceito nenhum, até

porque, se for para agregar, a gente sempre abraça a ideia”. A desinformação da população em geral implica na falta de compreensão do real papel de um psicólogo, que por consequência afeta também o reconhecimento da importância do trabalho do psicólogo do esporte. O receio e possível preconceito podem estar atrelados à atuação do psicólogo no tratamento das doenças e transtornos mentais, mas, além disso, o profissional também atua preparando e trabalhando a força mental e psicológica. “Não é só para corrigir e lidar com problemas, mas é, também, promover o crescimento, preparo e força psicológica e emocional do atleta para que saiba lidar com o ambiente altamente competitivo e de alta pressão”, explica William.

Não podemos negar que dentro do ambiente esportivo o componente psicológico possui tanta importância quanto os componentes físicos, técnicos e táticos do treinamento. O ato de competir significa enfrentar desafios e exigências que, de acordo com aspectos individuais e contextuais, podem representar uma grande fonte de estresse para os jogadores, de-

pendendo de seus atributos físicos, técnicos e psicológicos. Segundo Gabriel, o psicológico interfere muito no desempenho nos gramados e é preciso estar sempre com o “psicológico forte”.

João Cozac, além de doutor na área e presidente da APPE, atua também na área da psicologia clínica e conta que em seus 28 anos de experiência já recebeu jogadores profissionais e amadores em seu consultório, sob recomendação de treinadores, dirigentes, diretores, presidentes de clube, amigos pessoais e até mesmo colegas de profissão.



Gabriel Farias

Além disso, há casos de encaminhamentos feitos pela própria família. "Já recebi muitos encaminhamentos de equipes, técnicos ou, às vezes, da própria família do jogador, devido a casos de alcoolismo, depressão, ansiedade e níveis de atenção, concentração e foco reduzidos", conta. Essas informações confirmam a importância da saúde mental e controle emocional nesses atletas e revelam que, embora o papel do psicólogo esportivo não seja contemplado e não encontre espaço na comissão técnica dos times profissionais, a relação da situação psicológica do atleta com o desempenho físico e técnico é reconhecida.

Um episódio interessante do futebol brasileiro ocorrido no ano passado dentro de um dos maiores clubes profissionais brasileiros permite-nos confirmar que existe o reconhecimento da importância do controle e equilíbrio emocional dentro dessa prática esportiva. Na 22ª rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2017, o São Paulo Futebol Clube ocupava a penúltima colocação do campeonato com 23 pontos. O zagueiro Diego Lugano, na tentativa de motivar o time tricolor, organizou uma palestra na véspera do duelo contra a Ponte Preta, no Morumbi, pelo Brasileirão. O palestrante convidado era Carlos Miguel Páez Rodríguez, ou Carlitos Páez, filho do famoso artista plástico uruguaio Carlos Páez Vilaró (1923-2014) e sobrevivente de um desastre aéreo que marcou a década de 1970. A intervenção de Lugano no time em uma partida decisiva para o clube e, provavelmente, fonte de grande estresse e ansiedade para os atletas na época aponta o

aumento do reconhecimento da influência do psicológico dos atletas em seu rendimento dentro do campo e reflete a crescente contratação de profissionais conhecidos como coach esportivo.

"Durante as consultas realizadas detecta muitos atletas com receio da vitória devido à dificuldade em assumir e adquirir uma nova identidade, que seria a identidade de vencedor"

De acordo com a Sociedade Latino Americana de Coaching (SLAC), o profissional de coaching desenvolve o papel de apoiador externo, o que consiste em despertar o potencial interno de um indivíduo. A partir de um conjunto de estratégias, o coach busca atingir o desenvolvimento de seu cliente com técnicas de apoio no alcance de metas, no desenvolvimento acelerado e em sua evolução contínua. Ainda, o coach utiliza ferramentas para a maximização de performance, auxiliando no processo de alcance de metas pré-estabelecidas. Para isso, o profissional analisa o estado atual da pessoa para que então possa trabalhar na busca do estado almejado.

O jovem atleta que está iniciando sua carreira, além de treinar, deve também planejar sua ascensão profissional, estabelecendo metas que permitam com que ele garanta sua participação em grandes competições e campeonatos e também seu lugar no pódio. É importante lembrar que, frequentemente,

te, as grandes ambições do atleta estão associadas às expectativas depositadas ainda quando era uma criança por sua família, a qual enxerga nele uma esperança de ascensão econômica por meio de seu sucesso, tornando-o a salvação e sustento da família. Inclusive, Cozac afirma que a ansiedade sofrida pelos jogadores ao atingirem o estrelato possui uma relação íntima com a dificuldade pessoal de lidar com as expectativas colocadas sobre ele não só pela própria família, mas também pela expectativa social da mídia e torcida, que se tornam fonte do medo de fracasso que acompanha o atleta muitas vezes até o fim de sua carreira. Em contraponto ao medo do fracasso, existe um fenômeno conhecido na literatura norte-americana desde 1990 como fear of success, ou medo do sucesso. Cozac conta que esse fenômeno é a principal usina de derrotas do esporte brasileiro nos últimos anos ou até mesmo décadas, de acordo com sua experiência clínica. O psicólogo relata que durante as consultas realizadas detecta muitos atletas com receio da vitória devido à dificuldade em assumir e adquirir uma nova identidade, que seria a identidade de vencedor, que torna-se onerosa, pois, para um atleta reconhecido pela mídia e torcida como vencedor e detentor de excelência no desempenho, a derrota torna-se um elemento extremamente gerador de ansiedade devido ao status carregado por ele. "Quando um atleta é um perdedor e perde mais uma, foi só mais uma derrota, ele não tem o que defender em seu universo de possibilidades", explica o psicólogo esportivo e clínico.

Por isso, devido à dificuldade na administração emocional de alguns atletas, o coaching esportivo tem ascendido no futebol. Segundo a SLAC, os profissionais contratados instruem os atletas em suas tomadas de decisão para que alcancem seus objetivos, o coaching trabalha no equilíbrio emocional e autoconhecimento, ajudando, portanto, no aprimoramento máximo de suas qualidades e competências esportivas. Atualmente, a maior parte dos profissionais que fornecem o curso de coaching promovido pela Sociedade Latino Americana de Coaching são psicólogos (22%) e administradores (17%), mas profissionais como dentistas, educadores físicos, analistas, publicitários, escritores e engenheiros também podem ser encontrados.

"Dificulta ainda mais a inserção e contratação de uma equipe de psicólogos"

As palestras ocorrem com frequência nas diferentes instituições esportivas e são, principalmente, de caráter motivacional visando a melhoria do rendimento do grupo. Cozac explica que a contratação de indivíduos de diferentes perfis e com as mais variadas formações acadêmicas para a realização de trabalhos motivacionais dificulta ainda mais a inserção e contratação de uma equipe de psicólogos, profissionais que por serem formados na área e possuírem conhecimentos científicos podem oferecer melhores alternativas e possibilidades para atender de forma mais específica e pessoal o potencial de cada atleta.

PSICOFISIOLOGIA ESTRESSE E ANSIEDADE

O estresse pode ser definido como um desequilíbrio substancial entre a demanda física e ou psicológica e a capacidade de responder a ela.

- 1 Demanda ambiental
- 2 Percepção da demanda
Diferentes formas pelas quais se percebe as situações - ameaçadora ou não? - ativação da resposta psicofisiológica de luta ou fuga.
- 3 Respostas ao estresse
Reações físicas e psicológicas à percepção da situação. Alterações no estado de ansiedade, na tensão muscular e atenção
- 4 Consequências comportamentais
As consequências comportamentais se refere a alterações no desempenho e resultados

As reações emocionais podem ser explicadas pelas reações do sistema nervoso desencadeadas frente a uma situação estressora.

Diencefalo
Reconhecimento do medo



Córtex
Quando o diencefalo reconhece o medo, o córtex cerebral distingue o estímulo como algo ameaçador ou não.

Se considerado ameaçador o córtex promove o aumento da pressão arterial e do teor açúcar no sangue que será utilizado para produzir energia nessas situações

Subcórtex

Na sequência o córtex estabelece comunicação com o subcórtex que incluem duas regiões cerebrais: o cerebelo (coordenação dos movimentos corporais) e o diencefalo (regulador das emoções)

Estruturas superiores enviam mensagens aos músculos, órgãos e córtex cerebral. Assim, um estressor físico pode influenciar o psicológico e um estressor mental pode interferir nas respostas fisiológicas

O laboratório de Psicossociologia do Esporte da Universidade de São Paulo (USP) trabalha com os aspectos do comportamento competitivo e sob essa abordagem considera-se que o atleta apresenta certas tendências positivas para: ação, reação, tomada de decisão, foco, resiliência, equilíbrio psicológico e emocional, capacidade de comunicação, liderança e autonomia. Alguns atletas possuem potenciais específicos que devem ser trabalhados e desenvolvidos. Alguns potenciais como o de liderança e comunicação estão geralmente relacionados, isto é, um jogador que possui boa comunicação, normalmente, também apresenta potencial para ser um bom líder. Outros podem ser desenvolvidos a partir de experiências vivenciadas pelo indivíduo e sua história de vida, como em casos de resiliência extremamente elevada que também pode ser desencadeada pela motivação de realizar o sonho de tornar-se jogador, explica Cozac.

Ainda segundo ele, com a aplicação de testes psicológicos, inventários, entrevistas e observações o profissional consegue identificar quais são as competências de cada um dos componentes do time e trabalhar para o desenvolvimento delas de forma específica e personalizada. Por esse motivo, Cozac critica os trabalhos motivacionais realizados nos clubes, pois os palestrantes não têm conhecimento sobre o momento da equipe e repertório motivacional individual e coletivo do atleta para que possam fazer uma intervenção adequada e precisa.

Nos últimos anos, surgiram diversos profissionais que visam fazer algum tipo de intervenção de mentalização para melhorar a performance do atleta e do grupo, o que dificulta sua diferenciação. Um dos profissionais mais famosos atuantes da área e que não possui formação no campo da psicologia, enquadrado, portanto, na categoria de coaching, é Evandro Motta. O coach é engenheiro

graduado pela PUC-RJ e atua na área de coaching desde 1980, oferecendo palestras e consultorias no campo de melhoria de desempenho através da implantação do que se refere como "Mentalidade de Campeão". Evandro atuou na preparação da Seleção Brasileira de futebol Tetra Campeã do Mundo (1994) e Vice-Campeã (1998), retornando à comissão técnica do Brasil pela terceira vez em 2014. A goleada de 7 a 1 para a Alemanha e a eliminação humilhante durante a Copa do Mundo sediada em casa mexeu com aspectos psicológicos da seleção brasileira. Pensando nisso, Gilmar Rinaldi, coordenador de futebol da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), decidiu contratar o consultor e motivador conhecido por sua bela atuação durante copas anteriores. Vemos aqui que o papel do psicólogo mais uma vez é negligenciado e substituído por outros profissionais.

Contudo, embora o auxílio psicológico seja negligenciado no futebol profissional o quadro inverte-se quando tratamos das categorias de base. As categorias de base, também chamadas academias de esporte ou centro de excelência, concentram a prática de esportes entre crianças e adolescentes com o intuito de formar jogadores profissionais que no futuro disputarão grandes competições. Como esses jovens passam grande parte de sua infância e adolescência em treinamento nessas academias, existe um tempo hábil maior para que o trabalho psicológico seja realizado e talvez esse seja o principal motivo do contraste de contratação de psicólogos nos times profissionais e amadores.

Quando questionado sobre as possíveis diferenças na abordagem do programa de psicologia esportiva aplicada aos jogadores da divisão de base e aos do elenco profissional, Cozac esclarece que com os jogadores amadores, que sofrem menos assédio da mídia do que os profissionais e têm maior permanência no clube, há maior tempo disponível para desenvolver e ajudar a construir o autoconhecimento que será necessário diante dos desafios que o presente e futuro trarão ao jovem atleta. Muitas vezes, esses garotos estão longe de sua família, o que interfere na convivência familiar e conseqüentemente em sua construção pessoal.

“Procura-se investir no preparo do equilíbrio interno, psicológico e emocional do atleta”

Por isso, a assistência psicológica é fundamental ao jovem nessa fase de sua carreira. “Eles acabam tendo uma angústia muito forte além de estarem ali como projeções familiares pra que venham a ser o arrimo da família”, explica Cozac. Já quando se trata do futebol profissional, as exigências e cobranças estão centradas no resultado, autocontrole e comunicação com a mídia, portanto a abordagem do trabalho psicológico é diferenciada. De acordo com Cozac, procura-se investir no preparo do equilíbrio interno, psicológico e emocional do atleta.

A PRESSÃO EXERCIDA PELA MÍDIA NOS ATLETAS

A questão dos transtornos psicológicos no futebol, há cerca de um ano, voltou à tona na imprensa. Em setembro de 2017, após a informação publicada pelo "UOL" de que o atacante Nilmar não entraria mais em campo pelo Santos, a notícia foi confirmada pelo clube por meio de uma nota de esclarecimento. De acordo com a nota, o Santos Futebol Clube aceitou a solicitação do jogador para cumprimento do afastamento temporário com o objetivo de tratar questões de saúde. Segundo a matéria do UOL, o clube já havia, inclusive, conduzido o atleta para o acompanhamento de uma psicóloga.

Nilmar Honorato da Silva, mais conhecido como Nilmar, é um futebolista brasileiro de 34 anos que atuava como atacante.

O jogador profissional tem passagem por grandes clubes como Corinthians, Internacional e Lyon e, em 2009, foi convocado por Dunga para vestir a camisa da seleção brasileira. Durante sua carreira, Nilmar sofreu algumas sérias contusões que exigiram seu afastamento do clube em que atuava na época para sua recuperação. Se fizermos uma pesquisa rápida sobre as lesões sofridas pelo esportista em sites de busca, veremos que foram casos de grande repercussão pela mídia, o que reflete na abundância de matérias e reportagens sobre o assunto. Em entrevista para a UOL, o jogador afirmou ter ficado marcado negativamente pelas lesões sofridas e, se considerarmos o papel da imprensa em veicular e difundir notícias, talvez ela tenha sido o principal pivô da ênfase voltada às lesões de Nilmar. Thiago Ribeiro, seu companheiro de clube na época, também sofreu com um quadro de depressão e carregava em comum com Nilmar uma sequência de lesões em sua carreira, as quais também o prejudicaram na manutenção de seu alto rendimento.



Divulgação
Categorias de base



Divulgação
Uma das lesões de Nilmar

Não há como apontar um único e exclusivo motivo para os transtornos emocionais como a depressão em atletas, mas lesões que deixam o jogador afastado podem ser um gatilho para o quadro. Nilmar, por exemplo, consagrou-se como um grande craque durante sua carreira e surgiu como promessa de esperança ao ser contratado pelo Santos FC. Talvez a ideia de não ter atingido as expectativas colocadas sobre ele tenha o fragilizado emocionalmente, aponta Dr. Rodrigo Scialfa Falcão, especialista em psicologia do esporte, em resposta à JovemPan. Cabe aqui nos questionarmos sobre a contribuição da mídia, através da difusão de notícias sobre as contusões sofridas pelo atleta e expectativas sobre seu rendimento, para o aumento da pressão e cobrança devido à essa exposição.

De acordo com André Galvão, apresentador da Rádio Transamérica e Repórter de programas esportivos da BAND, a produção de uma notícia desfavorável ao jogador pode interferir em seu psicológico e até mesmo em seu desempenho em campo, no entanto, defende que o impacto gerado no emocional depende muito da personalidade do atleta. Além disso, André também relata que a pressão exercida pela mídia é bastante presente dentro do futebol e que os próprios jogadores estão cientes da relevância da repercussão das notícias produzidas, principalmente porque muitas pessoas com cargos importantes nas instituições e no clube levam-nas em consideração.

Raphael Thebas, repórter da Rádio JovemPan, tem a mesma visão que André, de que a

notícia desfavorável pode interferir no psicológico de um jogador, porém atribui isso ao modo como é desenvolvido o trabalho psicológico dentro de um clube, desde as categorias de base até o profissional. Thebas completa: "Depende de como o atleta lida com as situações que são extracampo, mas sim, acho que toda notícia pode influenciar no desempenho e psicológico negativamente e, por isso, é importante a elaboração de matérias com responsabilidade".

“Há uma tendência maior em criticar os jogadores mais experientes”

Além de informativas, muitas vezes essas matérias abordam questões negativas sobre o time ou um jogador específico. Em ano de copa e após a derrota da seleção brasileira por 2x1 para a Bélgica, a imprensa brasileira repercutiu negativamente a atuação dos jogadores do Brasil. O portal UOL criticou a performance de Fernandinho, de acordo com o veículo, o volante não apresentou um trabalho satisfatório na defesa. No jornal "Lance!", Neymar foi o assunto da vez. O veículo esportivo usou a manchete "Neymar tchau", referência à música criada durante o torneio, como chamada para a matéria de análise do desempenho do camisa 10 na partida contra a Bélgica. Ainda, no "Globoesporte.com", o fracasso da seleção na copa 2018 também foi abordado, dessa vez a atuação de todos os jogadores foi analisada com atribuição de notas. Gabriel Jesus (4,5) e

Fernandinho (3,0) tiveram as menores notas para a equipe do site esportivo.

Segundo André Galvão, há uma tendência maior em criticar os jogadores mais experientes, pois esses atletas, teoricamente, estão mais habituados à exposição e críticas da imprensa além da experiência em campo. Ele cita, inclusive, a expulsão de Felipe Melo após receber cartão vermelho aos três minutos da partida em que a Sociedade Esportiva Palmeiras enfrentou a equipe do Cerro Porteño do Paraguai, pela Libertadores. Na ocasião, o volante do Palmeiras desferiu uma entrada criminoso na perna esquerda de seu adversário Victor Cáceres. O jornalista reitera que, se a mesma atitude tivesse sido cometida por Hyoran, recém-contratado pelo Palmeiras e com pouca experiência no futebol profissional, a imprensa provavelmente seria mais compreensiva devido à inexperiência do jovem atleta.

Na época em que foi convocado por Tite para voltar à Seleção Brasileira, Daniel Alves em entrevista ao Sportv, declarou que as críticas da imprensa que mais o incomodavam eram as especulações e dúvidas sobre realmente merecer estar dentro da seleção brasileira, representando o país. "A imprensa ou certos comentaristas levam um pouco mais além do que é a parte futebolística. Isso é o que incomoda, que cria essa sensibilidade do jogador para com a imprensa e, às vezes, faz com que tenha um pouco de desavenças". Esta não foi a primeira vez que o jogador expôs sua insatisfação com a imprensa esportiva. Em 2016, o lateral direito do Barcelona usou seu Instagram para desabafar após

alegar que os jogadores de futebol são usados pela imprensa para lucrar com a venda de jornais: "Cada vez se fala menos de futebol, de estratégia, de jogadas, dos gols, do espetáculo", afirmou. O ala não chegou a especificar se referia-se à imprensa espanhola ou brasileira, mas, na Copa das Confederações de 2013 já havia entrado em conflito com a imprensa do Brasil por publicarem matérias pessimistas sobre a seleção brasileira: "O tempo passa, algumas pessoas crescem, evoluem, mas a imprensa do Brasil continua igual e pessimista", disse à época o jogador do Barcelona.

Questionamos André Galvão sobre a preferência da mídia por veicular pautas polêmicas e negativas para atrair maior audiência, e ele afirma que o que realmente traz audiência é o grande evento. O jornalista que é apresentador da rádio Transamérica há 10 anos afirma que de acordo com seus anos de experiência percebe que o interesse do público está, normalmente, centrado no grande evento e que, portanto, a questão da polêmica é circunstancial, fazendo, muitas vezes, parte do grande evento abordado, mas que esta não é a principal pauta para uma notícia ser veiculada.

Conforme o radialista, a audiência nem sempre é atingida a partir de polêmicas, e a estratégia de utilizar matérias do tipo pode ser interessante em dias "mortos", em que não há um grande evento, e completa: "Nada supera o grande evento, nada supera uma fase mata-mata de uma com-

petição importante ou um clássico, nada supera isso. Muitas vezes, o grande evento que acaba gerando as polêmicas que surgem".

Já Raphael Thebas declara que, em seus 4 anos de experiências de trabalho na JovemPan e como redator de matérias, tem percebido que a notícia é mercadoria e que os grandes veículos midiáticos têm enfrentado uma crise não só nos aspectos financeiros, mas também em aspectos da prática jornalística. Para ele, o cenário de crise financeira e competição complica ainda mais o trabalho da imprensa. "A briga por espaço passa a ser maior na crise e, muitas vezes, vemos em matérias as fake news e sensacionalismo. Muitas vezes, a tônica do jornalismo acaba sendo a polêmica e notícias falsas, tudo isso atrai público e audiência".



Raphael Thebas

Durante a Copa do Mundo desse ano (2018), a mídia da Dinamarca criticou as atuações da equipe dinamarquesa nos jogos contra o Peru e Austrália e cobrou um melhor desempenho dos jogadores. Aborrecido com as declarações, o técnico Age Hareide reclamou: "Eu não entendo.

Os dinamarqueses são gentis e amigáveis, mas a mídia é tão crítica mesmo quando a seleção nacional realmente se sai bem".

“A insatisfação com a mídia devido à forma como produz suas notícias é frequente entre os futebolistas”

Durante o Mundial, a Croácia garantiu a primeira final de sua história e consideraram a vitória por 2 a 1 sobre a Inglaterra como resposta à imprensa do país rival. Luka Modric, meio-campista da seleção croata e do Real Madrid, e atual vencedor do prêmio de melhor jogador do mundo da temporada 2017/2018 pela FIFA, declarou após sucesso na partida: "Os jornalistas ingleses, os especialistas da televisão, eles subestimaram a Croácia esta noite e cometeram um grande erro. Nós tiramos o melhor de todas as palavras. Nós estávamos lendo e pensamos: 'Certo, vamos ver quem vai estar cansado'".

A insatisfação com a mídia devido à forma como produz suas notícias é frequente entre os futebolistas. A mesma imprensa que promove e reconhece os jogadores ou equipe em questão como heróis, estimulando a idolatria e glamorização, também é capaz de confiná-los ao papel de vilão a partir de uma artilharia de críticas e polêmicas. A postura dos veículos esportivos aparece como um padrão de forma geral na área do futebol assim como o descontentamento e desavenças de técnicos e jogadores com jornalistas e imprensa.

O ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE FUTEBOL

Além da possibilidade de interferir no desempenho e psicológico de jogadores podemos também considerar a influência da mídia na atuação dos árbitros do esporte. Assim como ocorre com dirigentes e atletas de clubes, a relação dos árbitros com a imprensa nem sempre é cordial. Os diários esportivos não comentam apenas a performance dos jogadores em campo, mas também a atuação e performance do árbitro selecionado para dirigir a partida.

Em qualquer atividade esportiva, o árbitro figura a autoridade máxima e o elemento mais relevante da partida, encarregando-se de coordenar o funcionamento de todo tipo de competição esportiva organizada. Devido à sua enorme influência que suas decisões podem ter nos resultados esportivos, ele sofre forte pressão e cobrança. O profissional deve tomar decisões em intervalos de tempo muito curtos e sobre questões que não lhe permitem errar, pois delas dependerá o curso da competição que poderá provocar reações adversas no resto dos participantes do evento esportivo. A situação de estresse agrava-se com a obrigação de lidar com a pressão dos espectadores durante a partida e posteriormente com a pressão dos meios de comunicação. Novamente, temos a



Divulgação

Árbitro pressionado por jogadores

mídia figurando como fonte de estresse e perturbação do equilíbrio emocional e psicológico de profissionais futebolísticos. Não é à toa que os aspectos mentais são um pilar crucial para o desenvolvimento de um árbitro, ao lado das características técnicas, físicas e sociais. As tomadas de decisão durante uma partida de futebol podem também ser influenciadas pela preparação física do árbitro, pois quanto mais preparado fisicamente o profissional estiver, maior será sua capacidade de estar melhor posicionado, considerando a sua proximidade em lances decisivos. É por isso que, para conduzir as partidas de futebol de nível profissional, o árbitro precisa apresentar um bom nível de preparação física, pois sabemos que o esforço físico exigido por ele é semelhante ao dos jogadores ou até mesmo superior, dependendo da posição de escalação do atleta utilizado como referência para comparação. Para termos uma ideia, durante uma partida de futebol um árbitro percorre, em média, distâncias maiores que nove quilômetros. Em um período de quatro a seis segundos, o árbitro muda sua ação

motora, portanto, durante os 90 minutos de partida ele realiza uma média de 1268 atividades diferentes.

Devido à dinâmica constante de movimentação durante uma partida de futebol, a boa preparação física do árbitro é crucial para que ele consiga se posicionar dentro de campo para avaliar as jogadas, evitando com isso que as normas sejam violadas, bem como para visualizar as agressões entre os atletas. Essas situações de intervenção, dependentes do contexto e da percepção subjetiva do próprio árbitro, podem gerar ou não uma situação desencadeadora de estresse psicológico. Por isso, quanto melhor preparado nos aspectos físicos, tático, técnico e psicológico, maiores as chances de a atuação arbitral responder eficientemente às distintas situações ocorridas em um jogo de futebol. No entanto, não há dúvidas quando à grande importância e relevância que o pilar mental possui na execução da profissão, principalmente devido à sua capacidade de interferir nos outros pilares.

A avaliação de 102 árbitros federados de ambos os gêneros

do estado de Minas Gerais permitiu identificar os principais fatores causadores de estresse em árbitros de futebol de campo. Os resultados do estudo indicam que os fatores apontados como os mais estressantes são a princípio os sociais e psicológicos, porém fatores biológicos também aparecem como fonte de estresse para esse grupo, indicando, portanto, uma tridimensionalidade (aspectos sociais, psicológicos e biológicos) de fatores causadores de estresse e pressão na realização dessa atividade.

Em fevereiro de 2018, a Comissão de Arbitragem da CBF anunciou a ampliação do trabalho de psicologia na arbitragem, com inclusão de trabalhos de diagnóstico e fortalecimento mental dos árbitros, árbitras e assistentes brasileiros. Para isso, foi proposto realizar uma bateria de novos testes psicotécnicos com as equipes de arbitragem do país, com o objetivo de traçar um perfil de personalidade, velocidade de processamento cognitivo e atenção dos árbitros brasileiros.

O trabalho da Comissão de Arbitragem da CBF é referência no continente sul-americano, a arbitragem brasileira é a primeira da América do Sul a disponibilizar uma profissional para trabalhar o fator psicológico de seus árbitros e assistentes, a psicóloga Marta Magalhães. O reconhecimento do trabalho aqui desenvolvido conferiu a escalação de oito árbitros brasileiros para partidas decisivas das últimas rodadas das Eliminatórias da Copa do Mundo 2018. A psicologia da arbitragem na CBF iniciou-se com a implementação de quatro pilares: físico, mental, técnico e social. O trabalho no pilar referen-

te aos aspectos mentais foi inserido para auxiliar o psicofísico, nele é feito o levantamento de perfis no quesito atenção e concentração.

“Há diferença entre ver o jogo como um torcedor e como um jornalista”

Ainda assim, a subjetividade intrínseca à arbitragem e o reconhecimento da pressão sofrida por esses profissionais devido às expectativas depositadas pela torcida, mídia e jogadores já incitou o questionamento sobre a interferência desses aspectos na tomada de decisão do árbitro no decorrer das partidas. Durante o campeonato paulista de 2017, em partida contra o Corinthians, os jogadores do São Paulo FC irritaram-se com a arbitragem de Wagner Nascimento Magalhães. O zagueiro Rodrigo Caio opinou que o juiz sempre entra pressionado para apitar a partida quando o São Paulo entra em campo para combater o Corinthians. “A gente já está acostumado com isso, mas precisa mudar. A gente vê que a imprensa toda é corintiana, vê que muitas pessoas só falam a favor do Corinthians. O árbitro entra pressionado”, disse o zagueiro aos jornalistas.

André Galvão discorda sobre a parcialidade midiática e favoritismo da imprensa a um time específico. Ele explica que todo jornalista, durante a sua formação, aprende que deve ser imparcial e que está é uma regra desenvolvida ao longo da carreira do profissional. “Há diferença entre ver o jogo como um

torcedor e como um jornalista” e completa “não tem como ver com a imagem que via na época de torcedor”. Adiciona, porém, que não pode afirmar que o jornalista sempre consegue ser imparcial e que, em algumas situações, pode ser que ocorra a parcialidade, mas reitera: “O jornalista pode não conseguir ser imparcial sempre, mas o tempo todo está tentando, isso é certeza, senão, não consegue se manter por muito tempo exercendo a profissão”.

José Ferreira Neto, mais conhecido como Neto, é um ex-futebolista e comentarista esportivo da TV Bandeirantes. Neto é um dos maiores ídolos da história do Corinthians e corintiano assumido. Para o jornalista André Galvão, o profissional da mídia esportiva que divulga o time é acima de tudo muito corajoso, pois alguns torcedores tendem a enxergar maldade nos comentários expressos por ele, mas afirma que nem sempre isso ocorre. “Conheço o Neto há mais de 10 anos, e ele tenta sim ser imparcial nas coisas que diz. Ele fala mal pra caramba do Corinthians também, é o jeito dele de enxergar o futebol, ele é um cara muito crítico” declara.



André Galvão

Foto por Marcos Presótti

CONSTRUINDO UM HERÓI

Os programas e veículos de informação esportivos estão constantemente cobrindo os grandes campeonatos do esporte, sendo o futebol o mais frequente e relevante no país. A mídia utiliza o futebol para obter uma de suas maiores fontes de renda. Os espaços publicitários, por exemplo, que ficam nas placas dentro do campo em diversos campeonatos transmitidos pela televisão, custam milhões e representam cifras significativas tanto para a mídia quanto para os clubes. Já nos jornais e sites, as partes esportivas são umas das mais lidas pelo público, recebendo mais leitores até do que editoriais de economia e política.

A mídia atua constantemente na formação e disseminação da visão do esporte que é apresentada atualmente para a sociedade: o esporte como espetáculo, como mercadoria e consumo, e principalmente como possibilidade de ascensão socioeconômica. A mídia não está envolvida apenas na transmissão do esporte, mas também na produção, na transformação e no desenvolvimento do esporte durante os anos. Pode-se perceber que atualmente o esporte em geral e, principalmente, o futebol têm de, por obrigação contratual, adaptar-se aos padrões da mídia televisiva, pois assim, com as famosas “cotas de televisão” os clubes conseguem obter mais dinheiro para pagar as

despesas. Sem essas “cotas”, a maioria dos clubes não teria dinheiro para novas contratações e para manter o salário de jogadores em dia. Por isso, quando é feito o calendário das competições e as tabelas de jogos, deve-se consultar os horários previamente definidos por cada emissora.

É importante ressaltar também que muitas campanhas publicitárias na televisão usam o esporte para a venda de seus produtos e reforço de suas marcas. Assim, é comum vermos propagandas de bancos, empresas telefônicas, de gasolina, refrigerantes e, principalmente, cervejas utilizando o esporte para vender seus produtos e serviços.

A maioria dos comerciais que utilizam o esporte como tema tem como protagonista um atleta esportivo de destaque e, assim, ajudam a construir a imagem de um herói esportivo.



Neymar sempre foi visto como um possível "herói da nação".

Nesse contexto, a mídia detém um “grande poder” de transformar um jovem jogador em grande promessa e, ao mesmo tempo, denegrir a imagem do mesmo jogador ou de outros consagrados. Ela tem o poder de construir e desconstruir a imagem de um jogador de fute-

bol, esteja ele em início de carreira ou perto de encerrar o ciclo.

A espetacularização do futebol e de outros esportes de alto rendimento via mídia está baseada, principalmente, na construção da imagem dos mitos esportivos, capazes de feitos admiráveis de acordo com o apresentado pela mídia. Essa influência da mídia sobre o espetáculo que é o esporte faz com que o atleta profissional seja tratado e reconhecido como uma personalidade pública, ídolo e herói. Assim, os atletas de alto rendimento assumem um posto idealizado por grande parte da juventude e dos adultos, ao terem a sua figura associada ao sucesso, fama e uma vida vitoriosa, inspirando admiração no torcedor visto que esses são aspectos valorizados e desejados pela sociedade atual.

As narrativas da trajetória de vida dos ídolos esportivos, frequentemente, possuem características que os tornam heróis. Talvez uma possível explicação para isso seja o contexto de luta e superação que permeia o ambiente esportivo. A competição é inerente ao espetáculo.



Pelé é considerado um dos maiores "heróis" esportivos do Brasil e, para muitos, do mundo.

Além disso, geralmente durante a construção do mito esportivo, chama-se atenção para a infância pobre e talento como característica inata, ressaltando os aspectos da superação e vida vitoriosa. Não podemos negar que a evolução e o êxito de grandes ídolos despertam a nossa curiosidade, mas é importante lembrar que suas trajetórias em direção à fama são “editadas” pela mídia, que, deliberadamente, enfatiza alguns aspectos enquanto omite outros. Muitas vezes, o tratamento dado aos heróis futebolísticos brasileiros tende a frisar o talento puro, genuíno e inato, relegando para um segundo plano o treino e o esforço. Constrói-se assim, uma narrativa romantizada em torno do talento, negligenciando o treino. Entre tantos exemplos de jovens promessas que ganharam rápido destaque por serem con-

siderados jogadores “acima da média” pela mídia e que conseguiram rapidamente a fama e o status de “novo ídolo da nação”, serão citados apenas três, para exemplificar como a mídia pode exaltar um atleta e posteriormente, colocá-lo em decadência ou no esquecimento.

Um dos casos mais famosos de uma “grande promessa que não vingou”, é o ex-jogador do Corinthians, Luiz Marcelo Moraes, conhecido como Lulinha. Ele chegou ao time profissional do Corinthians em 2007, com números impressionantes, havia marcado cerca de 300 gols como juvenil, além de ter sido convocado para todos os campeonatos de categoria de base da seleção nacional. Despertou o interesse de vários gigantes europeus, mas não conseguiu o mesmo sucesso no elenco profissional, com atuações bem

abaixo da média, fazendo com que a mesma mídia que o exaltava como novo astro deixasse-o “esquecido” como apenas mais um jogador comum.

Gabriel Barbosa, conhecido como Gabigol, também é mais um desses casos. Ainda jovem, o atacante revelado pelo Santos FC, surgiu como uma forte promessa. Comparado inclusive a Neymar por alguns jornalistas, o jogador iniciou sua carreira muito bem, recebeu diversos elogios da mídia e acabou se transferindo para o continente europeu, onde jogou na Inter de Milão, porém não obteve o mesmo sucesso. Acabou sendo emprestado ao Benfica, apenas para seu fracasso continuar. A mídia, então, detonou a jovem promessa, apelidos como “Gabi-nãogol” surgiram, críticas pesadas ao comportamento e ao caráter do jogador foram divulgadas.



Lulinha, Gabigol e Ganso respectivamente.

Divulgação

Após duas temporadas na Europa, o jogador resolveu voltar por empréstimo ao time que o revelou, para tentar recuperar o bom futebol. Gabriel tem apenas 22 anos e um futuro pela frente, mas não se sabe até que ponto esse excesso de críticas afetaram o seu psicológico, e fica como incógnita se ele ainda conseguirá jogar em alto nível na Europa.

O último caso, mas não menos importante, é o de Paulo Henrique Ganso, conhecido como Ganso, tido nos anos de 2009/2010, como um jogador completo, um "meia clássico". Para os jornalistas da época, chegava a ser melhor que o então companheiro de time, Neymar. É verdade que o meia passou por lesões sérias no joelho. A primeira foi no joelho direito em 2007, da qual conseguiu se recuperar. A segunda, no joelho esquerdo em 2010, a partir da qual o meio campista sofreu com altos e baixos na carreira e nunca conseguiu recuperar o futebol da época em que a mídia o via como um "gênio" e futuro camisa 10 da seleção brasileira. Atualmente, com 27 anos e jogando na Europa há 2 anos, o jogador tem o nome esquecido pela grande mídia, e acabou se tornando mais uma grande promessa que não vingou.

AFINAL, A MÍDIA INFLUENCIA NO PSICOLÓGICO DOS JOGADORES?

Com base nas entrevistas e nos dados levantados por essa matéria, percebe-se que a questão psicológica é um fator muito importante na vida e na carreira dos jogadores, tanto profissionais como amadores. O cuidado de um clube com o lado psicológico de um atleta pode ser fundamental em diversos aspectos, principalmente no modo como o atleta irá desenvolver seu futebol, como ele irá lidar com a pressão de grandes jogos e com as constantes mudanças que os jogos ou a carreira proporcionam, com as lesões, como entenderá sua função tática e, até mesmo, como irá se relacionar com os colegas de equipe e a comissão técnica.

É inegável a subjetividade de cada atleta, com suas reações e percepções que são únicas, mas a psicologia tem o poder de otimizar alguns potenciais

de um jogador, além de ajuda-lo a administrar seus estados psicológico e emocional. Ela também o auxilia a suportar as prováveis críticas que acontecerão durante sua carreira, uma vez que as críticas com certeza virão, principalmente se tratando de jogadores de futebol, com os quais isto acontece de forma mais corriqueira.

Já sobre a mídia esportiva, a constatação é de que ela é capaz de transformar um jogador em "herói da nação", quando exalta seu futebol, enchendo-o de elogios após as partidas e chamando-o para participar de entrevistas e programas esportivos. Mas também, é capaz de abalar o psicológico do atleta, trazendo à tona números negativos de sua carreira ou de seu momento atual, o que pode interferir em seu desempenho e, conseqüentemente, em sua carreira como profissional. Isso ocorre quando os veículos de comunicação redigem notícias e disparam comentários maldosos ou tendenciosos contra determinado jogador ou contra um time inteiro. Por isso, é importante que, ao se produzir as matérias, a grande mídia tenha responsabilidade e leve em consideração que pode influenciar nesses aspectos emocionais e psicológicos de um jogador de futebol.

